

O CONFRONTO DE FORMAÇÕES DISCURSIVAS NAS PREGAÇÕES DO BISPO EDIR MACEDO¹

THE CONFRONTATION OF DISCURSIVE FORMATIONS IN THE PREACHES OF BISHOP EDIR MACEDO

José Maria de Melo Sousa

Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0005-7321-6130>
sousameloap@gmail.com

Doutorando em Letras pela UFPE; Mestre em Teologia pela Faculdade EST; Graduado em Letras-Português pela UESPI; Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica FAEPI; Tem experiência nas **áreas de Linguística e Teologia Prática. Atualmente é bolsista da CAPES**, na UFPE, pesquisando sobre sujeito religioso na perspectiva da Análise de Discurso pecheuxtiana.

RESUMO

Utilizando três Sequências Discursivas retiradas do sermão intitulado “No altar é tudo por tudo!” do Bispo Edir Macedo, este trabalho analisa as Formações Discursivas (FDs) cristã e da Teologia da Prosperidade (neopentecostal) com o objetivo de mostrar a interpelação do Bispo Edir Macedo em sujeito enunciador. É investigado, portanto, se a pregação do Bispo citado se mantém num funcionamento discursivo determinado pela FD cristã ou se ocorre um movimento de “deslocamento” de sentidos que rompe com uma relação entre trabalho-prosperidade para uma relação entre fé-prosperidade, o que pode mostrar o Bispo Edir Macedo inscrito em outras FDs sendo a FD da Teologia da Prosperidade a mais próxima desse funcionamento discursivo. Nossa base teórica é a Análise de Discurso pecheuxtiana, uma vertente teórica que concebe o sujeito interpelado pela ideologia, logo assujeitado e que fala inscrito numa ou em várias FDs. Assim, nos deteremos nas concepções de Haroche; Henry; Pêcheux, (1971), Pêcheux (1975), Grigoletto (2005). Além disso, articulamos um diálogo com teóricos da Teologia, como Gaede Neto (1998), Adam (2020). Lutero (1993), Erickson (2015), dentre outros/as. Como resultado, este artigo mostra uma posição-sujeito do discurso religioso cujo funcionamento discurso constituiu-se pelo deslocamento de sentidos que, neste caso, rompe com os sentidos da FD cristã num trânsito discursivo do protestantismo cristão histórico ao protestantismo neopentecostal.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo; Formações Discursivas; Pregação; Teologia da Prosperidade.

ABSTRACT

Using three Discursive Sequences taken from the sermon entitled “At the altar it’s all for everything!” by Bishop Edir Macedo, this work analyzes Christian Discursive Formations (DFs) and Prosperity Theology (neopentecostal) with the aim of showing Bishop Edir Macedo’s interpellation in the enunciating subject. It is investigated, therefore, whether the preaching of the aforementioned Bishop maintains a discursive functioning determined by the Christian FD or whether there is a movement of “displacement” of meanings that breaks with a relationship between work-prosperity to a relationship between faith-prosperity, which can show Bishop Edir Macedo enrolled in other FDs, with the Prosperity Theology FD being the closest to this discursive functioning. Our theoretical basis is Pecheuxtian Discourse Analysis, a theoretical strand that

¹ - Pesquisa apoiada pela CAPES.

conceives the subject as interpellated by ideology, then subjected and who speaks inscribed in one or more FDs. Thus, we will focus on Haroche's conceptions; Henry; Pêcheux, (1971), Pêcheux (1975), Courtine (2014), Grigoletto (2005). Furthermore, we articulate a dialogue with theorists of Theology, such as Gaede Neto (1998), Adam (2020). Luther (1993), Erickson (2015, among others. As a result, this article shows a subject-position of religious discourse whose discourse functioning is constituted by the displacement of meanings which, in this case, breaks with the meanings of Christian DF in a discursive transit from historical Christian Protestantism to neopentecostal Protestantism.

Keywords: *Discursive Formations; Preaching; Christianity; Prosperity Theology.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as Formações Discursivas (FDs) cristã e da teologia da prosperidade com o objetivo de mostrar a interpelação do bispo Edir Macedo em sujeito enunciador. É investigado, portanto, se a pregação do bispo citado se mantém num funcionamento discursivo determinado pela FD cristã ou se ocorre um movimento de “deslocamento” de sentidos que rompe com uma relação entre trabalho-prosperidade para uma relação entre fé-prosperidade, o que pode mostrar o bispo Edir Macedo inscrito em outras FDs, sendo a FD da teologia da prosperidade a mais próxima desse funcionamento discursivo. Nossa base teórica é a Análise de Discurso pecheutiana, uma vertente teórica que concebe o sujeito interpelado pela ideologia, logo assujeitado e que fala inscrito numa ou em várias FDs. Assim, nos deteremos nas concepções de Haroche, Henry, Pêcheux, (1971), Pêcheux (1975), Courtine (2014), Grigoletto (2005). Além disso, articulamos um diálogo com teóricos da Teologia, como Gaede Neto (1998), Adam (2020), Lutero (1993), Erickson (2015, dentre outros.

Não é necessário, a esta altura, apresentar um esboço abrangente acerca das noções teóricas em AD especificamente da concepção de sujeito proposta por Pêcheux ([1975] 2014). Podemos nos articular neste ponto que é introdutório chamando a atenção para o fato de que o sujeito, em AD, se inscreve numa ou em várias FDs determinadas pelas Formações Ideológicas, ou melhor: são as FDs que determinam o que pode e deve ser dito, o que implica também na determinação de como se deve dizer o dito “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam [...]” (Haroche; Henry; Pêcheux, 1971, p. 34).

Podemos também nos limitar aqui a significativas insistências de Pêcheux quando ele e Fuchs (1975) explicam que o sujeito, ao tomar a palavra, suas palavras podem estar determinadas por dois tipos de esquecimento: o esquecimento ideológico que leva o sujeito a acreditar ser a origem ou fonte do seu dizer e o esquecimento enunciativo segundo o qual o sujeito acredita controlar os sentidos de seu dizer e a interpretação que os outros fazem do seu discurso.

Iniciando aqui o diálogo com outras áreas do conhecimento que propuséramos em nossa proposta salientamos que na teologia, na antropologia e, até mesmo, na área da saúde, numa perspectiva científica do sujeito que não se coaduna com a concepção de Pêcheux, se sustenta que o sujeito deve ser encarado como indivíduo que nasce como ser racional e espiritual e, ao conviver com seus semelhantes, ele veste-se com uma religiosidade. Nessas vertentes teóricas, o sujeito racional é dissociado do sujeito espiritual. Espiritualidade, neste caso, está baseada na busca inerente de cada pessoa do significado e do propósito definitivo da vida. Assim, nessa perspectiva, o ser humano precisa ser considerado na sua integralidade².

Em relação ao todo do indivíduo, Zohar e Marshal (2019, p. 32), autora e autor que abordam o tema da espiritualidade, sustentam que a ciência tem muito a contribuir com os estudos sobre a dimensão espiritual do ser humano. “Vivenciar o ‘espiritual’ significa estar em contato com um

2 - Informação fornecida pelo Prof. Dr. Júlio César Adam, teólogo luterano que ministrou aulas no curso Mindfulness e Espiritualidade na extensão da Faculdades EST, em 2020. Historicamente, Mindfulness, dentro dos documentos budistas, é uma palavra que remete à atividade da mente, traduzida, em geral, como atenção plena, ou seja: como formas de meditação pensadas para lidar com a ansiedade, estresse, dor, enfermidade etc.

todo maior, mais profundo, mais rico, que põe em uma nova perspectiva nossa limitada situação presente”. Embora o ser humano enquanto indivíduo não seja objeto de nossa pesquisa, a recorrência a outras abordagens do sujeito é interessante para se observar outras acepções de sujeito que aparecem a partir da diversidade de teorias que, às vezes, se mostram na fronteira com a Análise de Discurso pecheutiana.

Zohar e Marshal afirmam que o ocidente tem uma espiritualidade atrofiada em decorrência das lógicas cartesiana e freudiana que reificou o sujeito humano (social) fazendo com que o mesmo experienciasse um atrofiamento espiritual de falta de sentido. Esses autores dissociam racionalização- tecnologia de espiritualidade. Ao abordarem a crise de sentido da existência humana, a autora e o autor preveem inteligência racional e inteligência espiritual. Em relação à crise de sentido da humanidade tem-se a explicação de que temas como a religião (como um domínio exclusivo), o dinheiro, a saúde, são, por exemplo, elementos constitutivos de uma crise. Esse dado serve ao nosso foco de interesse aqui em nossa pesquisa por se tratar de um estudo de sujeito, ou melhor: o sujeito bispo Edir Macedo, fundador de uma igreja cuja prosperidade é duvidosa e, que, ao enunciar com os sentidos encontrados no interior da FD cristã, sua voz soa com enunciados que contemplam o fracasso, isto é, a crise de sentido da existência humana, além de assumir a posição-sujeito de porta-voz de Deus. Tal prosperidade se mostra duvidosa pelo fato que o bispo enquanto enunciador no discurso *irrdiano* nega o cristianismo voltado para a pobreza.

Na teologia, o ser humano, numa perspectiva que considera o indivíduo na sua integralidade, é entendido também como um ser natural de crise. Se por um lado, o sujeito em Pêcheux nasce assujeitado, como produto da luta de classes (veja-se a perspectiva do filósofo que difere da perspectiva teológica.), em Lutero (1993), um teólogo cristão de cunho protestante, o ser humano nasce escravo do “pecado”, não tendo, portanto, liberdade total de escolha. A respeito dessa questão não há espaço aqui para explicitar a problemática da condição humana de pecadora, conforme as diferentes perspectivas teológicas. Não foi dito aqui (tarefa de outra pesquisa) em que medida Lutero toma o ser humano como nascido escravo. Com efeito, dialogamos com a teologia tomando por base seu lugar de ciência. Queremos somente salientar que dialogamos com a teologia como ciência, um empreendimento científico cujas pesquisas, no Brasil, são apoiadas pela CAPES, uma entidade governamental de fomento à pesquisa e ao ensino científicos (Sinner, 2007, p. 57).

A Análise do Discurso pecheutiana, como uma disciplina científica que surgiu, na França, na década de 60, é um ramo da filosofia da linguagem. Pêcheux (1969), filósofo fundador dessa teoria, procurou dissociar, entre outras, quatro questões até então confundidas: a da língua, a do sujeito, a do texto e a do discurso. Para ele, não há língua sem sujeito.

Lançando um olhar para o corte saussuriano, Pêcheux observa que o objeto da linguística se mostra numa complexidade, haja vista que, se a língua pode ser encarada como objeto teórico da linguística, isso implica em colocar em questão também o sujeito, considerando-se o fato de que é ele quem produz a língua. Já em relação ao texto, Pêcheux propõe um deslocamento analítico. Quando esse autor propõe a análise do discurso, ao invés de análise do texto, ele insiste com a hipótese de que o empreendimento científico da linguística segundo o qual procurava-se o sentido somente como conteúdo não teve sucesso, fato que caracterizou uma análise de conteúdo que não vingou. Portanto, a Análise de Discurso (AD) significa a passagem da análise do texto para a análise do discurso, ou seja: o texto é considerado sob a perspectiva discursiva.

Essas noções teóricas propostas por Pêcheux até aqui esboçadas tais como língua, sujeito, texto e discurso são essenciais para situarmos nossa proposta de estudo que leva em conta as Formações Discursivas (FDs) nas quais os sujeitos se inscrevem enunciando e produzindo efeitos de sentido. No ponto a seguir, falaremos com mais detalhe sobre a noção de FD, uma definição analítica muito importante na AD.

SOBRE FD

A Formação Discursiva é um conceito importante para a AD por vários motivos. Um desses motivos, e talvez o principal, é que as posições-sujeito só podem ser compreendidas à luz de um conjunto de argumentos que Michel Pêcheux concentrou em torno das FDs. Na exposição que segue, deverá ficar claro que os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia. Michel Foucault, em sua obra “A arqueologia do saber” publicada em 1969, se inscreve como primeiro autor a tratar do termo “formações discursivas”.

O pressuposto básico implicado na formulação foucaultiana acerca das FDs, uma ótica teórica inscrita numa visão mais sociológica do que discursiva, por assim dizer, toma por base as regularidades dos discursos apontando a dispersão de enunciados. Ao se articular no debate sobre FD, Foucault se mostra preocupado com as regiões por onde os enunciados se assentam. Pêcheux critica Foucault por considerar em seu conceito de FD a constituição de um conjunto de saberes deixando de fora o conceito materialista de contradição, exclusão que caracteriza a ausência das formações ideológicas no uso que foi feito do conceito de FD por Michel Foucault. “[...] Foucault permanece, de certa maneira, bloqueado pela impossibilidade de pensar e de operacionalizar a categoria da contradição [...]” (Pêcheux, 1977, p. 52).

Portanto, Michel Pêcheux devolve sua reflexão sobre FD e observa o que há de materialista em Michel Foucault, permitindo-se apropriar-se do conceito marxista leninista de contradição para inserir na FD a ideologia não abordada por Michel Foucault.

Avançaremos, apoiando-nos sobre grande número de observações contidas naquilo que denominamos “os clássicos do marxismo”, que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) [...]” (Haroche; Henry; Pêcheux, 1971, p. 34).

Em 1971, num texto escrito a três mãos, como se observa nessa citação, Michel Pêcheux trata de FD pela primeira vez. O referido texto recebeu o título de A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso no qual os autores atravessam a abordagem linguística saussuriana que, ao referir-se à significação, enaltece o valor linguístico considerando-o como elemento fundante da significação. Haroche, Henry e Pêcheux (1971, p. 23) observam que, ao propor no CLG “O princípio da subordinação da significação ao valor”, Saussure (2021) deixa de fora a semântica, a teoria dos sentidos, o que possibilita uma reação dos autores a ponto de proporem uma mudança de perspectiva. Pois, para os autores “[...] a significação é de ordem da fala e do sujeito, só o valor diz respeito à língua” (Haroche; Henry; Pêcheux, 1971, p. 23).

Assim, a AD com a noção de contradição trouxe para o seu estatuto teórico a noção de sujeito clivado, isto é, assujeitado que fala inscrito numa FD, não sendo, portanto, autor do dito, mas interpelado pela ideologia. Pois, a instância de contradição se mostra promovendo FD e Formação Ideológica (FI) interligadas. As FDs, ao determinarem o que o sujeito pode e deve dizer, se constituem a partir de uma “[...] posição dada numa conjuntura dada [...]” as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam [...]” (Haroche; Henry; Pêcheux, 1971, p. 34).

Nesse sentido, as posições-sujeito são compreendidas quando se observa o enfoque sobre as FDs. Então, vimos que em relação a esse enfoque sobre as FDs dado pela noção de sujeito interpelado pela ideologia e, que ao enunciar, o sujeito se inscreve numa ou em várias FDs determinadas pelas FIs. Pêcheux propõe a noção de posições-sujeito em “Semântica e Discurso” em resposta aos estudos que deixaram escapar o fato de que uma posição-sujeito se inscreve no discurso filiando-se a uma ou a várias FDs às quais associam-se construções ideológicas.

Tal empreendimento científico também, para Pêcheux, ignora o argumento de que o sujeito não é livre, ele é falado e interpelado pela ideologia. Isto pressupõe um argumento fundamental sobre o sujeito, a saber: o que Pêcheux (2014, p. 198) traz apresentando os indivíduos como

“[...] ‘interpelados’ em sujeitos falantes (sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Ainda sobre esse ponto, o autor explica que a interpelação do indivíduo em sujeito se dá pelo mecanismo de identificação, ou seja, pelo mecanismo ideológico de identificação, o autor desloca e descentra o mecanismo de determinação, até então vigente na tradição, colocando-o fora do sujeito.

Pêcheux concebe a linguagem em seu funcionamento opaco segundo o qual as marcas linguísticas não necessariamente comportam ou absorvem o sentido do discurso nelas mesmas, uma vez que os elementos de natureza sócio-histórica e ideológica determinam as regularidades linguísticas, o seu uso e a sua função. Assim sendo, o discurso não é apenas a transmissão de informação. Na perspectiva materialista, discurso é encarado como efeito de sentido causado pelas formações discursivas e ideológicas. Assim, é pelo viés da noção de sujeito que produz a língua numa historicidade resultando numa forma inscrita na história, ou melhor: sujeito como assujeitado pelo lugar social a partir do qual o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD.

Essa forma-sujeito em questão passou a ser considerada por Pêcheux a partir de três diferentes modalidades de tomadas de posição de que o sujeito realiza ao enunciar, a saber: a identificação, a contra-identificação e a desidentificação. São essas modalidades de posição de que Pêcheux trata que assumem um papel essencial no funcionamento das FDs. Acerca dessas modalidades de tomada de posição, há um desdobramento em Pêcheux que precede essa discussão em torno de tais modalidades. Conforme Grigoletto (2005, p. 62), Pêcheux “[...] apresenta as diferentes modalidades de desdobramento entre o sujeito da enunciação e sujeito universal, apontando para a questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito”. Trata-se de dois sujeitos, o sujeito da enunciação (locutor), ou melhor: sujeito da formulação e sujeito universal, isto é, sujeito do saber (histórico).

Desse modo, a forma-sujeito se constitui na medida em que o sujeito enuncia, o que faz com que ocorra a instauração do mesmo numa dada FD pelo movimento de identificação, podendo também se dar o movimento de contra-identificação e o movimento de desidentificação e, neste caso, a forma-sujeito se mostra determinada pelas três modalidades de tomadas de posição, isso se considerarmos as palavras de Pêcheux na citação a seguir:

A **primeira modalidade** consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos “em plena liberdade”. A **segunda modalidade** caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta ...) com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, afetada pela negação, revestida a seu próprio terreno [...] (Pêcheux [1975], 2014, p. 199).

A primeira modalidade consiste na reprodução dos saberes da parte do sujeito da enunciação, tais saberes dominam a forma-sujeito. Sobre esse argumento do filósofo M. Pêcheux, Orlandi (2017, p. 30) contribui afirmando que “Pelo processo de identificação [...] o sujeito se inscreve em uma formação discursiva para que suas palavras tenham sentido”. Na segunda modalidade, o discurso se mostra balizado pela diferença, pelo questionamento e pela contradição constitutiva de diferentes posições-sujeito instauradas no interior de uma mesma FD. Já a **terceira modalidade** que Pêcheux denomina de subjetiva e discursiva [...] integra o efeito das ciências [...] sobre a forma-sujeito, efeito que toma a forma de uma desidentificação, isto é,

de uma tomada de posição não-subjetiva [...]” (Pêcheux [1975], 2014, p. 201). Nesse sentido, em AD pecheutiana, a prática política não se dissocia da prática científica. A terceira modalidade pela qual se mostra um efeito de desidentificação, que ocorre paradoxalmente, é a modalidade de tomadas de posição que permite o sujeito produzir um movimento de desidentificação, ao se relacionar com a forma-sujeito que o domina.

Chamamos a atenção para o fato de que, embora o sujeito se desidentifique deslocando-se para outra FD, não implica que ele não continue interpelado pela ideologia. Quanto ao processo de desidentificação é mister fazer referência ao anexo III em “Semântica e discurso” onde Pêcheux corrige sua formulação anterior acerca da desidentificação do sujeito. Em suas próprias palavras, o autor faz com que nos deparemos com os seguintes enunciados:

[...] frente ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que faz com que cada um diga “sou eu!”, eu me apoiava em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, assim, a possibilidade de uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra, logo a possibilidade de uma “interpelação às avessas” atuando na prática política do proletariado: a exterioridade teorizante vinha, assim, necessariamente dublada por um pedagogismo invertido, o que acarretava uma inclinação tipicamente platônica [...] (Pêcheux, 2014, p.275).

Nesse texto do anexo III em “Semântica e discurso”, Pêcheux se afasta do mecanismo pelo qual se dava a “apropriação subjetiva” sob a ordem da prática. O autor chama a atenção para o entendimento de que pela modalidade de tomada de posição constitutiva do processo de desidentificação, o sujeito continua interpelado pela ideologia, embora nessa modalidade, o sujeito do discurso não apresente mais nenhuma identificação com os saberes da FD que o afetava.

SOBRE A FD CRISTÃ

Com base no que Pêcheux (2020) explica no texto “Papel da Memória” sobre o já-dito, aquele enunciado significado antes em outro lugar, o termo denominacional que designa a religião cristã é “cristianismo” $\chi\rho\iota\sigma\tau\omicron\upsilon\acute{\iota}\varsigma$ ³ – “cristianismo”. Tal designação carrega memórias do pré-construído remontando, por assim dizer, à historicidade do discurso, que, segundo Pêcheux, é aquilo que todo mundo sabe. O cristianismo, como umas das religiões do livro, ou seja: uma religião cujo funcionamento se dá a partir de dois livros sagrados num só – a Bíblia, tem seu surgimento em decorrência do advento do nascimento Jesus Cristo no primeiro século, época que evoca a grade semântica do próprio nome de Jesus Cristo, o início da era crista, conforme à datação registrada nos antigos documentos (aproximadamente 5.000 manuscritos) que compuseram o Novo Testamento, a parte do livro dos cristãos que ao lado do Antigo Testamento dá forma à Bíblia Sagrada (Geisler; Nix, 1997).

Conforme Chafer (2013, p.78), “Foi somente no tempo de Inácio de Antioquia [...] que o termo cristianismo foi introduzido”. A palavra cristão surge no curso da história dos seguidores de Jesus Cristo. “Cristão” foi o nome aplicado aos primeiros discípulos de Cristo, em Antioquia da Síria na época dos apóstolos, ainda no primeiro século, conforme o livro de Atos – capítulo 11 – versículo 26, um dos livros que compõe o Novo Testamento. Essa palavra era usada para distinguir os seguidores de Jesus de pessoas adeptas de outras religiões, mas também poder-se-ia aplicar o termo a pessoas que expressassem sensibilidade religiosa e moral. Isso, em certa medida, dialoga com o dito: “ele agiu como um cristão”. O fato é que o termo cristão, linguisticamente é um adjetivo que tem origem na doutrina de Cristo e teologicamente esse termo se aplica ao verdadeiro crente em Cristo Jesus (Chaplin, 2014, p. 973).

3 - O NOVO TESTAMENTO GREGO: com introdução em português e dicionário grego-português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. [primeiro versículo do NT em grego: 1 Βίβλος γενέσεως Ἰησοῦ χριστοῦ, υἱοῦ Δαυὶδ, υἱοῦ Ἀβραάμ.

Já o termo “cristianismo” não aparece no Novo Testamento. Como bem coloca Chafer, tal designação surge no segundo século, ocasião em que a teologia cristã caracteriza-se com período patrístico, isto é, o período após a morte dos apóstolos que tem início no segundo século e que antecede a Reforma Protestante do século XVI. No período patrístico, a doutrina da igreja cristã teve sua sistematização a cargo dos chamados pais da igreja tais como Inácio de Antioquia, Irineu de Lião, Orígenes, Agostinho, dentre outros pais da igreja que conservaram a “pureza” da doutrina cristã em meios ao surgimento das heresias que ameaçavam a fé cristã (Litfin, 2015).

Contra a tendência gnóstica e percorrendo o itinerário de seu martírio decretado pelo Império Romano, Inácio de Antioquia, situado nas condições de produção do discurso bíblico neotestamentário, ou melhor: inscrito na religião cristã, se mostra nos primórdios do cristianismo, usando pela primeira vez o termo “Cristianismo”, é o que se verifica nos enunciados retirados da sequência discursiva de uma de suas cartas que escrevera: “[...] aprendamos a viver de acordo com os princípios do **cristianismo** [...]”⁴. A formação do discurso bíblico neotestamentário remonta à interpretação das doutrinas sustentadas pelo Novo Testamento, o que não exclui a interpretação veterotestamentária, isto é, as doutrinas sustentadas pelo Velho Testamento.

Nesse sentido, é necessário, portanto, considerar um fato que se mostra no curso da história do desenvolvimento das doutrinas bíblicas desde o surgimento do cristianismo até hoje. Trata-se da grande quantidade de denominações religiosas de matriz cristã cada uma das quais com suas hermenêuticas teológicas assume diferentes interpretações do texto bíblico. Se observarmos, por exemplo, as tendências protestantes como a luterana, a batista e neopentecostal será constatado que se trata de denominações e perspectivas teológicas diferentes.

Em termos salvíficos, dois dos protestantismos dos quais mencionamos acima, a saber: a denominação luterana e a batista se aproximam teologicamente como tendências protestantes que se apropriam das doutrinas para tratar, por exemplo, do tema a salvação, isto é, o meio pelo qual Deus livra os seres humanos da condenação eterna quando os mesmos se arrependem de seus pecados e professam fé em Cristo Jesus, reconhecendo-o como o Filho de Deus, bem como o único e suficiente Salvador da vida.

Tal visão teológica prevê a salvação como elemento que tem início a partir do momento em que o indivíduo toma sua decisão de seguir a Cristo, mas, ao mesmo tempo em que essa salvação tem início aqui na terra, ela transcende esse mundo físico estendendo-se para o futuro, ou seja: há a esperança na ressurreição de Jesus Cristo o qual se apresentou na terra identificando-se como ser humano que morreu e ressuscitou dentre os mortos. Em outras palavras, em Jesus Cristo se encontra a esperança da vida após a morte, conforme à doutrina cristã da salvação. Ou melhor, a salvação no cristianismo é uma doutrina fundamental, pois conduz os conversos seguidores de Cristo a reconhecerem sua existência não apenas neste mundo físico como também no lugar espiritual-transcendente em que os salvos em Cristo tomarão posse de sua morada eterna com Deus, isso conforme se interpreta a doutrina da salvação sustentada no Novo Testamento.

Já, o protestantismo neopentecostal se desloca dessa visão teológica quando a ênfase recai sobre a satisfação do presente. Rocha e Torres (2009), falando de uma espécie de socorro espiritual das igrejas neopentecostais, como a universal, explicam que é preciso separar o neopentecostalismo das religiões de salvação, observando uma conversão mágica em junção com a magia das “religiões afro” e com a magia do neopentecostalismo.

[...] o que há de inovador no neopentecostalismo é precisamente uma configuração rigorosamente moderna de pensamento mágico: uma forma de magia que toma o corpo como ambiente mágico no sentido de exercer sobre o “eu” uma influência disciplinadora, ou seja, uma magia que assume como meta os imperativos funcionais do capitalismo e que dá provas da sua eficácia simbólica (Rocha; Torres, 2009, p. 234).

4 - Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/patristica/obras/1396-carta-de-santo-inacio-de-antioquia-aos-magnésios>

Inscritos na vertente teórica de Pêcheux, tentaremos percorrer nessa direção que contempla o neopentecostalismo iurdiano⁵ tirando o cristianismo de seu lugar de origem. O recorte analítico de Rocha e Torres contribui para a discussão em tela pelo fato de que várias vezes o sujeito bispo Edir Macedo assume, nas sequências discursivas que escolhemos como *corpus*, a posição-sujeito de empreendedor. Não é nossa intenção enaltecer ou depreciar qualquer discurso religioso em função de suas filiações teológicas, sejam africanas, católicas, judaicas, muçulmanas, dentre outras.

Até aqui já constatamos que a FD cristã pode comportar posições ideológicas e posições sujeitos diferentes, bem como diversos gestos de interpretação do texto bíblico. Os estudiosos tais como Waltke (2015), Erickson (2015) explicam que o cristianismo tem-se notabilizado através dos séculos, entre outras, pelas seguintes doutrinas sustentadas tanto no Novo quanto no Velho Testamento:

1. Doutrina de Deus. Essa doutrina, compreendida pela Bíblia, explica que Deus, como o único Deus, se auto-revelou na Escritura Sagrada como Espírito, logo não é composto de matéria. Deus é eterno, infinito, imutável, onipotente, onisciente, onipresente, perfeito em santidade, justiça, amor e glória, soberano todo-poderoso. Conforme essa doutrina cristã, Deus se mostra na Bíblia como Criador e Sustentador do universo, como transcendente, ou seja: Deus está além da criação (do mundo físico), mas o é também imanente, Deus é transcendente e está no mundo ciente de tudo que acontece relacionando-se com sua criação e presente na sua igreja por meio de seu Espírito Santo. Ele é o mesmo que se revela na Bíblia como Pai, Filho e Espírito Santo.
2. Doutrina da humanidade que, conforme teólogos exegetas⁶ como Waltke e Erickson, dependendo da visão teológica, o ser humano, sob a tendência tricotômica é constituído de corpo, alma e espírito, e sob o viés da dicotomia, o ser humano é constituído de corpo e alma. Segue-se daí que, no que diz respeito à natureza do ser humano, não é possível uma exegese teológica destituída de pressupostos. Não há um consenso teológico definindo a natureza do ser humano. Portanto, não é possível encontrar no interior da FD cristã uma definição concreta dessa questão.

Enquanto muitos defendem a dicotomia, outros sustentam a tricotomia e, ainda, há aqueles que estão de acordo com uma nova perspectiva aberta pela antropológica que propõe uma abordagem holística a qual estuda o ser humano considerando-o como organismo biológico. Tal perspectiva considera os elementos do comportamento social do ser humano. “Essa visão do homem insiste em examiná-lo como uma entidade de funcionamento integral-biológica, social e cultural – e os inter-relacionamentos e a interdependência mútua desses aspectos diferentes da existência humana” (Wilson, 2007, p. 49).

3. Doutrina da salvação da alma entendida como uma dádiva de Deus concedida àqueles que vierem a se arrepender de sus pecados a ponto de crerem em Jesus Cristo como Senhor e Salvador de sua vida.

Não há espaço neste trabalho para apresentarmos todas doutrinas do cristianismo sustentadas na Bíblia. As doutrinas cristãs expostas nos enunciados anteriores são suficientes para servirem ao nosso foco de interesse e aos objetivos de nossa pesquisa. Destacamos com fins analíticos a doutrina de salvação da alma pelo fato de que o neopentecostalismo iurdiano tem considerado tal doutrina equivocadamente quando a ênfase de sua visão teológica recai sobre a brevidade (transitoriedade) da vida dos indivíduos em junção com o otimismo na prosperidade. Em relação à doutrina da salvação Dietrich Ritschl, teólogo reformado e Martin Hailer, teólogo luterano em “Fundamentos da teologia cristã” explicam que

5 - Termo usado para indicar indivíduos adeptos da Igreja Universal do Reino de Deus.

6 - A exegese no âmbito da pesquisa bíblica e teológica diz respeito ao método hermenêutico que se dirige aos textos considerados pela tradição judaico-cristã como originais os quais foram escritos em hebraico, aramaico e grego que são os idiomas pelos quais Deus originariamente comunicou a sua Palavra.

[...] na encarnação de Jesus Cristo, Deus visitou este mundo velho, ameaçador e também mau, ou melhor, que se tornou mau e, na morte e ressurreição de Jesus, efetuou uma obra salvífica definitiva e abrangente, que, em última análise, diz respeito a toda a humanidade e a toda a história mundial (Ritschl; Hailer, 2012, p. 68).

Ritschl e Hailer, inscritos na teologia acadêmica de cunho protestante, remontam ao segundo século da era cristã quando ocorreu as primeiras discussões teológicas da parte dos pais da igreja em decorrência do desenvolvimento da doutrina bíblica da salvação. O tema da encarnação de Jesus Cristo, uma noção cristológica que aparece no interior da expiação de Cristo, é muito significativo para a discussão em tela pelo fato de que sem o sacrifício de Cristo a salvação não se inscreveria no interior da FD cristã. Expição de Cristo refere-se ao sacrifício de Cristo realizado na cruz em benefício da salvação. Na interpretação de Erickson (2015, p.772), “Antes da expiação efetuada pela morte de Cristo, era necessário o oferecimento de sacrifícios regulares para compensar os pecados cometidos”.

O sacrifício era oferecido para que ocorresse expiação pelo pecado com que a punição estava inerentemente determinada pelo pecaminoso. Mas tais sacrifícios, conforme a doutrina da expiação de Cristo, só funcionaram para preceder a morte de Cristo. O último e mais abrangente sacrifício foi realizado por Cristo na cruz de uma vez por todas. “No século II, o tema central foi a vinda de Deus até os seres humanos para a sua redenção” (Ritschl; Hailer, 2012, p. 68). Com o termo “redenção” os autores tocam na preparação divina para salvar o ser humano da parte do Deus cristão Criador dos indivíduos. Neste caso, o ser humano, segundo o relato da criação, em Gênesis, um dos livros veterotestamentários que compõe a Bíblia, desobedeceu a Deus tornando-se pecador por natureza e, portanto, separado de Deus.

A redenção divina é justamente a preparação da parte de Deus pela qual Ele se torna Redentor do ser humano que se tornara escravo do pecado original. Deus, neste caso, é considerado como o único que pode preparar a morte de seu Filho para redimir os pecadores pelo sangue de Cristo que é o preço pago por Deus para salvar os seres que se arrependem de seus pecados e crerem em Cristo. Já a encarnação é o meio pelo qual Deus salva, tornando seu Filho que é Deus (espírito) carne, fato que caracteriza as duas naturezas de Cristo: humana e divina.

É interessante observar as posições teológicas dos pais da igreja por vários motivos. Primeiro, porque na ocasião em que se deu tais debates teológicos havia o conflito entre os judeus helenistas e judeus cristãos helenistas. Tal conflito identifica o pensamento cristão e o pensamento judeu em toda parte. Um segundo motivo porque nos valem da obra apologética dos pais se justifica pelo fato de que, hoje, lidamos também com o conflito no seio das igrejas de matriz cristã, a saber: o conflito entre católicos e protestantes cada um com suas opiniões acerca de temas que são centrais nas discussões da sociedade como a nossa, tais como aborto, casamento, conceito de família, prosperidade financeira e saúde etc.

À nossa pesquisa interessa principalmente o tema da prosperidade financeira que surge nas igrejas neopentecostais como a universal deslocando-se da FD cristã. Basta prestar atenção na pregação do sujeito bispo Edir Macedo, um discurso neopentecostal que circula nos programas exibidos na televisão e pelos vídeos publicados no *YouTube*, que veremos o bispo dizendo: “Pare de sofrer”, assumindo a posição-sujeito de ministro de Deus capaz de compreender o sofrimento dos outros.

O deslocamento de sentido realizado pelo enunciador, neste caso, não consiste na imagem de solidariedade expressa na fala do sujeito-Macedo, mas na posição-sujeito assumida pelo sujeito-bispo que não se coaduna com a doutrina de salvação cristã segundo a qual os seres humanos podem sofrer neste mundo, a promessa bíblica cujo cumprimento implica em erradicar o sofrimento dos indivíduos se dará na inauguração da vida eterna triunfante. A igreja de Cristo que não será tomada por sofrimento é a igreja triunfante que, como postula Chafer (2013) é a igreja no céu, a comunidade de pessoas salvas em Cristo que se distingue da igreja militante, a comunidade que existe hoje na terra que está empenhada nas lutas da existência terrenal e que pode sofrer doença, desemprego, pobreza, falência financeira etc.

Ao falar do sujeito-bispo Macedo que contempla o enunciado “pare de sofrer” remete à voz plural de um sujeito capitalista inscrito na posição-sujeito de empresário da fé. Na doutrina Cristã, a salvação é oferecida como dádiva de Deus, algo dado por Deus que não se coaduna com a pregação do Bispo em questão, no sentido de prosperidade e transitoriedade da vida. Não há nenhuma fala da parte de teólogos exegetas em relação à doutrina da salvação sustentando a noção de que Deus veio salvar somente as pessoas fracassadas financeiramente ou moralmente no que tange à vida física.

De fato, encontra-se na doutrina cristã a natureza de um Deus capaz de aliviar o sofrimento das pessoas, mas o principal axioma teológico, implicitamente descrito na doutrina da salvação, dá pistas a partir das quais a força de tal doutrina está na ação de Deus em livrar o ser humano de condenação eterna, isto é, Deus deseja salvar os seres humanos para viverem eternamente com Ele. Essa descrição bíblica de salvação não consiste apenas no surgimento de uma comunidade religiosa cujo principal objetivo é aliviar o sofrimento característico do fracasso em sociedades modernas que se conjuga com a competição no mercado capitalista.

A prática dessa doutrina é vista na fé de muitos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) como fruto de uma influência neopentecostal pregada pelo Bispo Edir Macedo. Portanto, na maioria dos casos, a experiência de adeptos da universal se mostra sem a noção espiritual e teológica do que se diz sobre salvação da alma na FD cristã, o que permite que muitas pessoas realizem uma adesão religiosa à IURD como fruto de uma influência supersticiosa que o cristianismo condena.

SOBRE A FD DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE/NEOPENTECOSTAL

A teologia da prosperidade é um modelo de pensamento teológico que não se propõe a ser orientado pela hermenêutica teológica nem pela exegese, as disciplinas científicas reconhecidas pelos teólogos e estudiosos de outros campos do saber como das ciências da religião, da antropologia etc. como as disciplinas que devem se ocupar com os textos da Bíblia. Em relação à tendência teórica da teologia da prosperidade, trata-se de uma teoria não reconhecida pela comunidade teológico-científica.

Seu principal objetivo é prestar assistência às necessidades financeiras da pessoas, conforme se verifica no discurso neopentecostal que circula nos veículos de comunicação como rádio, TV, *YouTube*, redes sociais etc. de igrejas surgidas no Brasil tais como a IURD que tem como chefe supremo o bispo Edir Macedo, a Igreja Internacional da Graça de Deus sob liderança do missionário R. R. Soares, e uma das mais recentes formas de igreja neopentecostal que pesquisadores como Sousa (2011) mostra em sua pesquisa, dentre outras, a Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo liderada pelo pastor Silas Malafaia.

Interessante é observar o que afirma o teólogo argentino José Míguez Bonino, autor metodista, que escreveu um livro sobre a presença do protestantismo na América Latina. Utilizando-se de uma hermenêutica teológica, Bonino procura construir uma teologia do protestantismo latino-americano, explicando que

● protestantismo latino-americano não reparou no que estava ocorrendo até que as congregações pentecostais começaram a multiplicar-se em suas vizinhanças. Para o protestantismo “evangélico” elas representavam um desafio e uma tentação. Podiam reconhecer nos pentecostais sua própria teologia, suas posturas éticas e seu zelo evangelizador. Porém suas manifestações lhes pareciam estranhas e seu crescimento assustava e, ao mesmo tempo os seduzia (Bonino, 2003, p. 51).

É nessa direção que caminhamos aqui, desde a chegada do protestantismo na América Latina não houve uma verificação da produção teológica protestante. Por isso, sem uma verificação, o conteúdo protestante, afetado pelos interesses e planos colonialistas e pela exploração capitalista, como postula Bonino, impulsionou as comunidades pentecostais e, logo a seguir, as comunidades neopentecostais.

Nesse sentido, os anos de 1940 representa, nos Estados Unidos da América, a conjuntura histórica na qual a teologia da prosperidade encontra guarida. Nessa configuração histórica, encontram-se teólogos da prosperidade como Kenneth Hagin considerado um dos principais representantes dessa teologia. Para Gaede Neto (1998, p. 6) “[...] as origens da teologia da prosperidade precisam ser buscadas nos antigos movimentos de cura divina, que antecedem o próprio pentecostalismo”. Mas o autor afirma que, embora tais origens remontem a conjunturas antigas, a teologia da prosperidade começou a ser articulada como uma doutrina sistematizada a partir da década de 40 do século XX. Todavia, é mister que existem outros teólogos da prosperidade que se encontram nessa conjuntura tais como Kenneth Copeland, Benny Hinn, David Robertson, Oral Robertson etc., destacamos o nome de Kenneth Hagin com fins analíticos. Suas ideias tiveram desdobramentos bem definidos no desenvolvimento das doutrinas de cura divina, do dízimo e do exorcismo, sustentadas, entre outras igrejas neopentecostais, pela IURD.

Com a teologia da prosperidade, as doutrinas bíblicas passam ser sustentadas não mais pela própria Bíblia, mas pelas opiniões teológicas dos próprios teólogos da prosperidade como Kenneth Hagin que, ao fundar seu ministério, em 1962, trouxe seu movimento de fé com práticas de transe, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais, ao passo que, passou a afirmar ter recebido suas revelações visivelmente e de forma direta da parte de Deus. Segundo seu próprio depoimento afirmou ter conversado “[...] em oito oportunidades, pessoalmente com Jesus, algumas vezes no céu, outras no inferno” (Gaede Neto, 1998, p. 06). Sendo assim, sua interpretação rompe com todo o empenho dos exegetas e hermeneutas. Os esforços de Hagin, neste caso, tornam as revelações bíblicas incontestáveis. Ou seja: suas revelações são tão relevantes que podem contra-argumentar os textos bíblicos, pois são revelações advindas diretamente de Deus.

Para Gaede Neto (1998, p. 07) “[...] as raízes da Teologia da Prosperidade alcançam o gnosticismo, enquanto conhecimento místico dos segredos divinos por revelação”. É importante darmos atenção a essa coragem de Hagin porque mais adiante, ao lançarmos um olhar sobre os enunciados assumidos pelo bispo Edir Macedo, não vai haver muita diferença entre o sujeito Hagin e o sujeito-Macedo, se observarmos a ousadia do bispo Edir Macedo fazendo uma releitura da teologia da prosperidade sustentada por Hagin, ato que caracteriza o neopentecostalismo brasileiro. Hagin (2012) falava que Deus reserva sucesso financeiro e realizações na vida daqueles que lhe honrarem com dízimos e ofertas. “[...] a maioria de nós não passa pobreza por ter honrado a Deus, mas por tê-lo desonrado” (Hagin, 2012, p. 17).

Historicamente, o neopentecostalismo, no Brasil, representado pela IURD trouxe para seu conjunto de doutrinas as mesmas acepções de prosperidade que Hagin congregou em seu movimento religioso. Para o bispo Edir Macedo, o dízimo e ofertas são entendidos como elementos que conduzem os indivíduos à prosperidade. Como se observa no discurso neopentecostal assumido pelo sujeito-Macedo, o enunciador fala em razão de convencer os fiéis a fazerem doações a sua igreja para serem libertos dos demônios e alcançarem a prosperidade. E, o mais surpreendente é a forma como o sujeito-Macedo caracteriza a divindade como se Deus pudesse ser coagido pelos doadores, os fiéis da IURD. “Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a sua Palavra, repreendendo espíritos devoradores que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social” (Macedo, 1993, p. 79).

Do ponto de vista da Análise de Discurso pecheutiana, os sujeitos Kenneth Hagin e Edir Macedo inscritos em tais conjunturas enunciam sob o funcionamento do interdiscurso, isto é, o já-dito, aquilo que determina a formação discursiva. Tal constatação evoca o que Pêcheux falou sobre a função da FD quando a mesma dissimula o “[...] fato de que ‘algo fala’ [...] sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente [...]’” (Pêcheux, 2014, p. 149). Na fala do sujeito-Macedo, conforme se observa nos enunciados em que Macedo trata do dízimo, reflete um atravessamento de um já-dito encontrado no imaginário produzido no interior da FD da teologia

da prosperidade. Assim sendo, as condições de produção do discurso neopentecostal assumido pelo sujeito-Macedo perpassam a conjuntura sócio-histórica-ideológica dos anos 40 do século XX, nos Estados Unidos da América, imerso na qual está um dos principais representantes da teologia da prosperidade, Kenneth Hagin segundo o qual “Deus” quer que seus filhos sejam como o Pai, ricos. Hagin chegou mesmo a dizer que Jesus lhe faria rico em troca de sua obediência.

Se a partir da década de 40, Hagin e os outros teólogos da prosperidade definem um movimento doutrinário, nos Estados Unidos da América, aqui no Brasil, essa nova forma de igreja começa se disseminar a partir dos anos 1960 a 1970 quando o pentecostalismo caminha por uma via pela qual se distancia teologicamente de seu lugar de origem, alargando seu arquivo de doutrinas que incide na ênfase dada à cura divina, à prosperidade e ao exorcismo (Bobsin, 2020). Foi exatamente nesse momento em que o pentecostalismo se mostrou com doutrinas estranhas a sua linha teológica que os estudiosos entenderam que se tratava de um novo pentecostalismo, a saber: o neopentecostalismo que tem como principal representante no Brasil, o bispo Edir Macedo, “[...] líder da maior igreja neopentecostal e de um império de comunicação, a terceira rede de rádio e TV do país [...]” (Bobsin, 2020).

Há, pois, no interior da FD da teologia da prosperidade, as seguintes doutrinas as quais não são sustentadas pelos textos bíblicos nem pelo Velho nem pelo Novo Testamento: 1) a leitura de que é preciso exorcizar para que o indivíduo alcance prosperidade material; 2) a doutrina de que é preciso exorcizar para que o fiel obtenha a cura de enfermidades; 3) a entrega de dízimos e ofertas como caminho da prosperidade (Em nenhum momento na Bíblia, Deus é coagido a conceder suas bênçãos.); 4) a leitura de que Deus quer que seus filhos sejam como o Pai, ricos; 5) a leitura de que as condições precárias de vida da sociedade são provocadas pelos demônios, ignorando o contexto sócio-político; 6) a doutrina de que as doenças têm origem no mundo espiritual.

Essas são algumas das doutrinas encontradas na formação do discurso da teologia da prosperidade, pensamento teológico que orienta as igrejas neopentecostais como a universal do bispo Edir Macedo. A teologia da prosperidade, como a teologia do neopentecostalismo, congrega uma ênfase que recai principalmente na libertação por meio do exorcismo e, na cura divina pela imposição a Deus dos desejos dos fiéis através de pequenas e grandes doações entregues no templo. A formação do discurso da teologia da prosperidade teve sua constituição a partir desse movimento religioso articulado por Kenneth Hagin (dentre outros), movimento de cura divina historicamente reconhecido também como confissão positiva ou movimento de fé que concentrou uma ênfase em torno da cura divina e da prosperidade por meio do exorcismo.

É nesse contexto amplo que falamos de neopentecostalismo o qual releu a teologia da prosperidade para o Brasil. Portanto, diferentemente da FD cristã que se mostra num funcionamento discursivo cuja produção de sentidos se dá em decorrência das doutrinas bíblicas sustentadas pela Bíblia, a FD da teologia da prosperidade se mostra num funcionamento discursivo que rompe com os sentidos de saberes da FD cristã, pois, boa parte de suas doutrinas são sustentadas pelos próprios teólogos da prosperidade, não sendo confirmada, portanto, tais doutrinas pelos textos veterotestamentários e neotestamentários.

Até aqui colocamos em questão a noção de FD no que tange à constituição dos discursos cristão e neopentecostal, uma noção teórica que Pêcheux traz em “Semântica e Discurso”, como um domínio de saber que ganha forma por enunciados discursivos. Assim sendo, consideramos a partir de Pêcheux a FD enquanto domínio de saber que representa um modo de relacionar-se com a ideologia, estabelecendo o que pode e deve ser dito por um sujeito. A noção de sujeito em Pêcheux se situa no empreendimento científico no qual esse filósofo da linguagem rompe com a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, conforme propunha a linguística vigente da época. Portanto, Pêcheux entra no debate sobre a língua opondo-se aos estudos linguísticos que não consideravam o sujeito como elemento constitutivo da linguagem.

Nesse sentido, para compreendermos as “instâncias ideológicas” que determinam a FD cristã e a FD da teologia da prosperidade é necessário considerar as condições históricas dadas conforme se verifica nas conjunturas nas quais se encontram sujeitos considerados, em AD, como quem produz a língua constituindo-se como forma-sujeito determinada pelas posições ideológicas.

Antes de passarmos para as análises, faremos uma breve descrição acerca da pertença religiosa do sujeito bispo Edir Macedo que precede a fundação de sua igreja, a Igreja Universal do Reino de Deus, em julho de 1977. Para tanto, consideraremos relatos apresentados pelo próprio bispo Edir Macedo em seu livro “Nada a perder”. Edir Macedo é filho de migrantes pobres que deixaram o Nordeste para ganhar os suprimentos para a vida, no Rio de Janeiro, berço do neopentecostalismo.

O bispo Edir Macedo teve passagem pela Igreja Católica, embora ele diga que frequentava o catolicismo impulsionado por uma fé emotiva [...] fui à igreja católica” (Macedo, 2012, p. 67) diz ele. Interessante é observar o que Nascimento (2019, p. 30) afirma acerca desse momento em que Edir Macedo procurava uma comunidade religiosa. “Ao se converter à Nova Vida, Edir – [...] dizia estar no ‘fundo do poço’ [...] procurou ajuda junto à Igreja católica [...] Tentou o espiritismo e frequentou o centro Santo Antônio de Pádua [...] em São Cristóvão”.

Assim, Edir Macedo teve passagem pelo catolicismo, pela religião espírita de matriz afro-brasileira. Mas foi a igreja Nova Vida, fundada pelo missionário Walter R. McAlister, quem entusiasmou Edir Macedo. A igreja Nova Vida foi a escola teológica de Edir Macedo. Era uma igreja que pregava contra o legalismo e caracterizava pela prática do exorcismo que se mostrava contra os cultos mediúnicos. Isso evoca o fato de que, na década de 1920, no Rio de Janeiro “[...] nascera a umbanda, religião combatida por Edir Macedo e seu empreendimento religioso” (Bobsin, 2020, p. 56).

Portanto, o líder da maior igreja neopentecostal, Edir Macedo, conforme seus próprios relatos, inicia sua história de vida inscrito num modo de vida simples e modesto, digamos assim, como filho de migrantes pobres, como funcionário público, quanto à pertença religiosa passou pela igreja católica, pela “umbanda”, pela igreja Nova Vida, ao passo que, em julho de 1977, esse ex-funcionário de loteria, católico e umbandista, a saber, o “bispo” Edir Bezerra Macedo, funda a sua própria igreja, a Igreja Universal do Reino de Deus. Assim, “[...] o ex-funcionário da Loteria Esportiva do Rio de Janeiro, católico e umbandista, decidiu-se por ‘fundar uma religião a fim de ganhar muito dinheiro’” (Wulfhorst *apud* Gaede Neto, 1998, p. 9).

E por meio de mais de dois mil (2.000) templos, uma rede de rádio e de televisão e um jornal de circulação nacional – A Folha Universal, o bispo Edir Macedo propaga a teologia da prosperidade de filiação norte-americana. Trata-se de uma instituição religiosa internacional. “Isso explica, em parte, a expansão das igrejas e o enriquecimento exorbitante dos líderes neopentecostais que, na atualidade, acumulam grandes fortunas, mas não sem envolvimento em noticiadas acusações de lavagem de dinheiro, sonegação de impostos e estelionato (Perini, 2023, p. 182). Perini (2023), em seu trabalho publicado recentemente pela revista *Leitura*, sustenta que a fortuna do bispo Edir Macedo foi calculada em aproximadamente R\$ 2 bilhões.

SOBRE ALGUMAS POSIÇÕES-SUJEITO DEFERENTES ASSUMIDAS NA FD CRISTÃ E NA FD DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: UM GESTO ANALÍTICO

O recorte selecionado para esta análise consiste em três Sequências Discursivas (doravante SD) retiradas do sermão intitulado “No altar é tudo por tudo!”⁷ do bispo Edir Macedo publicado na plataforma Youtube em 10 de dezembro de 2019. Ao fazer uso da palavra, da parte do sujeito-Macedo, para pregar esse sermão, predomina o movimento indutivo, ou seja: ao enunciar, o locutor bispo Edir Macedo não apresenta a referência bíblica inicialmente e quando cita a passagem fita o olhar ao texto sem fazer menção à referência da passagem. Mas a partir dos itens lexicais como “Deus”, “monte” “Sinai”, “fogo”, deduzimos a voz do enunciador bispo Edir Macedo soando com os enunciados do livro bíblico de Êxodo, um dos livros que compõe a Bíblia.

As três sequências discursivas que serão analisadas nos apontam a passagem que trata do diálogo entre Deus e Moisés. Nessa passagem, conforme a tradução de João Ferreira de Almeida (ARA), o texto afirma que Deus desceu sobre o monte Sinai em fogo. Na primeira sequência discursiva, o sujeito da enunciação se inscreve na FD cristã, mas diga-se de passagem, que o enunciador já nos aponta um deslocamento. Ele enuncia interpretando a descida da divindade sobre o monte Sinai em fogo garantindo que do mesmo modo com que Deus desceu sobre o monte Sinai, ele deseja descer, hoje, sobre as pessoas que vierem a crer no Deus sobre quem o bispo prega.

SD1

“Quando Deus desceu lá no monte Sinai em forma de fogo, ele deu ... uma ilustração do que ele gostaria e ele quer fazer na vida de todos os que creem nele. Ele quer descer como fogo”.

Nessa primeira SD, o sujeito Edir Macedo se coloca sob a primeira modalidade de posição-sujeito pela qual o sujeito faz-se entender como “bom sujeito”, o que pressupõe o reconhecimento do sujeito da enunciação e do sujeito universal, ou seja, o sujeito enunciador aqui se inscreve na FD cristã, quando ocorre a identificação do sujeito enunciador com o sujeito universal. O sujeito enunciador se autoriza pela enunciação veterotestamentária para colocar sentido no tema do sermão precisamente no que tange o item lexical ‘altar’.

A fala do sujeito-porta-voz de Deus, na SD1, marcada pelo item lexical “Deus” palavra esta que sacraliza o discurso cristão relacionado à revelação sobrenatural do “Deus descrito no Velho Testamento” que abençoa os seres humanos, se volta para a enunciação da Bíblia constituída pelo interdiscurso. Assim sendo, como o interdiscurso localiza o pré-construído, o já-dito, o sujeito-bispo se mostra como indivíduo escolhido por Deus corroborando o chamado divino que lhe autoriza a pregar a “Palavra de Deus”. É, justamente, o interdiscurso “aquilo todo mundo sabe (o sujeito universal)” que determina a fala do sujeito-bispo e coloca o discurso sob a ordem das formações imaginárias, uma noção teórica que Pêcheux (1969) prevê como elemento que define os papéis dos locutores e as ideias que eles têm dos interlocutores. As formações imaginárias funcionam no discurso reverberando o fato de que os sujeitos não têm acesso às reais condições de produção de seu discurso, então, os sujeitos representam as condições de produção de seu discurso de maneira imaginária.

Há, na SD1, a voz de um enunciador que enuncia produzindo um imaginário religioso cristão pelo qual se contempla uma percepção atravessada pelo já-dito (interdiscurso), isto é, a Bíblia fala antes da enunciação do sujeito-bispo se constituir e é exatamente o já-dito, a enunciação em Êxodo (livro bíblico) que vai constituir a substância das formações imaginárias. Neste caso, as condições de produção do discurso do sujeito-bispo Edir Macedo é o neopentecostalismo, mas na SD1, na qual ocorre a identificação do sujeito da enunciação com o sujeito universal, é o cristianismo que produz sentido para os interlocutores do bispo recobrando o funcionamento discursivo do neopentecostalismo.

7 - 8 Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=%20No%20altar%20é%20tudo+por+tudo+Edir+Macedo+. Acesso em: 17 dez. 2019.

É essa identificação que caracteriza a posição do analista para perceber quando o sujeito se mostra como bom sujeito, ou seja, com essa palavra o Bispo fala para os fiéis da igreja que ele é um porta-voz de Deus, um escolhido de Deus. Como diz Orlandi (2017), pela identificação, o sujeito, com a finalidade de colocar sentido em suas palavras, se inscreve em uma formação discursiva.

SD2

"[...] sabe como é que é né? Mãe é mãe. E eu a tinha como a minha "deusa". Eu abri mão também dela. Foi tudo. É tudo por tudo. Quando a gente fala de colocar tudo no altar, é justamente isso. A gente vai com tudo".

Como se pode ver, na SD 2, as formações imaginárias no discurso do bispo Edir Macedo o levam a se contra-identificar em relação ao sujeito universal. Com os itens lexicais "mãe", "tinha", "deusa", o sujeito Edir Macedo agora se contra-identifica em relação ao sujeito universal, no caso, seus ouvintes, demarcam um lugar onde reside a "renúncia", isto é, uma renúncia que pertence ao próprio bispo, aquele que abriu mão da sua própria mãe para crer em Deus e tornar-se seu porta-voz, porta-voz de um Deus de quem ele presume ter recebido todas as suas posses.

Conforme se verifica na SD2, a voz plural do enunciador bispo Macedo retira uma espécie de sacralidade da imagem de mãe a fim de introduzir seus interlocutores, os fiéis da IURD, no espaço onde residem a dúvida, questionamentos e as diferenças. Isso explica o que ocorre como duplo movimento na contra-identificação. Esse duplo movimento consiste, por um lado, num questionamento sobre saberes da FD que não se mostra mais reduplicada plenamente e, por outro, o sujeito está exposto a se deparar com outros saberes que por meio do processo de produção do discurso tais saberes são mobilizados inconscientemente para o interior de sua FD. Isso evoca o que Pêcheux chamou de "falha no ritual".

SD3

"E colocamos o nosso eu, o que nós somos, [...] o que nós temos, o que pretendemos ter, tudo. É tudo por tudo. Ora, se você quer conhecer o Senhor, [...] você quer que ele seja o seu Senhor de verdade, então você tem que se colocar no lugar de serva, serva ou servo".

Para Pêcheux, não se poderia considerar o discurso senão pela relação entre o que é social e o que é histórico. Essa percepção está relacionada com a função da FD quando a mesma dissimula o "[...] fato de que 'algo fala' [...] sempre 'antes, em outro lugar e independentemente [...]" (Pêcheux, 2014, p. 149). Ao enunciar utilizando-se do enunciado "E colocamos o nosso eu, o que nós somos, [...] o que nós temos, o que pretendemos ter, tudo. É tudo por tudo", o sujeito-Macedo rompe com os sentidos da FD cristã, filiando-se a outras FDs, a saber, as FDs do capitalismo, especialmente a FD da Teologia da Prosperidade.

Por outro lado, o enunciado "E colocamos o nosso eu, o que nós somos, [...] o que nós temos, o que pretendemos ter, tudo. É tudo por tudo" leva o sujeito enunciador a se desidentificar em relação aos saberes da FD cristã. Como se sabe, nenhum teólogo exegeta refere-se à prosperidade do indivíduo como sendo uma questão de espiritualidade ou de escolha do Deus em quem se deve crer. A doutrina de prosperidade, na Bíblia, o livro dos cristãos, sempre remete ao trabalho árduo. Em outros termos, "[...] a posse de bens materiais é considerada um incentivo legítimo ao trabalho árduo" (Erickson, 2015, p. 577).

A desidentificação do sujeito enunciador com o sujeito universal ocorre quando o sujeito enunciador rompe com os sentidos da FD pela qual ele se identifica. Para Pêcheux (2014, p. 201), a desidentificação, como uma dessubjetivização do sujeito, promove "[...] uma anulação da forma-sujeito" para a qual se dá a ruptura de sentidos de uma ou várias FDs". A SD3, ao mesmo tempo que anula a inscrição da posição-sujeito de porta voz de Deus que enunciou em nome de Deus e com base na Bíblia, contudo, o enunciado "É tudo por tudo", no sentido de

prosperidade com que o sujeito-bispo enuncia, não se encontra na Bíblia. Portanto, a fala do sujeito-bispo-Macedo instaura no discurso outras posições-sujeito. Quem fala agora, na SD3, não é mais um sujeito porta voz de Deus, mas o ex-funcionário da Loteria Esportiva do Rio de Janeiro, filho de imigrantes nordestinos, católico, umbandista e neopentecostal que decidiu-se por 'fundar uma religião a fim de ganhar muito dinheiro cuja fortuna calcula-se, atualmente, em aproximadamente R\$ 2 bilhões.

Dáí, entendermos que Pêcheux sustenta sobre o fato de que um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas. O que observamos nessas três SDs acima analisadas é o confronto constante entre os saberes/sentidos que se inscrevem em duas FD, contraditórias entre si: a FD cristã e a FD da teologia da prosperidade. Em nenhum momento, aparece nas sequências discursivas do livro de Êxodo as expressões "No altar é tudo por tudo", "E colocamos o nosso eu", "o que nós somos", "o que nós temos". Ao incorporar tal enunciado no discurso, a voz plural do enunciador mostra o sujeito-bispo a falando do mesmo lugar de fala de Kenneth Hagin, um dos fundadores da teologia da prosperidade, ao mesmo tempo em que a voz do sujeito-bispo enuncia a partir de sua escola "neopentecostal", a saber, a igreja Nova Vida, fundada pelo missionário Walter R. McAlister, uma igreja que pregava contra o legalismo e se caracterizava pela prática a leitura de que é preciso exorcizar para que o indivíduo alcance prosperidade material, assim como, se caracteriza a IURD.

Portanto, ainda que o sujeito da formulação, isto é, o sujeito da enunciação materialize sua coincidência com o sujeito universal da FD que o domina, esse processo não tem sucesso quando ocorre o encontro dos sujeitos no interior das FDs, pois, o sujeito-bispo, no decorrer da enunciação, apaga os sentidos de cristianismo por não considerar as doutrinas cristãs como repositório de uma religião de salvação. A fala do sujeito-Macedo não se constitui considerando o que é primordial no cristianismo. Há rupturas na fala do enunciador quando ele não fala sustentado pelas doutrinas bíblicas como, por exemplo, a doutrina de Deus ligada à doutrina da salvação da alma entendida como uma dádiva de Deus concedida àqueles que vierem a se arrepender de seus pecados a ponto de crerem em Jesus Cristo como Senhor e Salvador de sua vida.

No cristianismo, o que é mais importante no plano divino é a vida eterna que Deus promove para os seres humanos, a morada eterna com Deus. Preocupa-se principalmente com salvação da alma como presente, dádiva que diz respeito ao sangue Cristo, o preço pago pela salvação. As doutrinas cristãs não consideram em primeira ordem a vida transitória que valoriza um altar cheio de dinheiro e ofertas como se a fé funcionasse como uma barganha do fiel com Deus, ou seja: não é preciso entregar nem uma parte nem tudo para ser salvo, apenas a Bíblia afirma que é necessário crer em Cristo como salvador e Senhor para ser salvo, isso, conforme, se sustenta nos documentos do Velho e do Novo Testamento.

Se considerarmos a forma sujeito universal, isto é, sujeito do saber, o bispo Macedo aparece como essa forma-sujeito, ou melhor, como representante máximo da FD da teologia da prosperidade, no sentido de que a FD é o elemento que regula o que pode e deve ser dito, no seu interior e, se, por sua vez, consideramos que o funcionamento da FD neopentecostal se encontra nas SDs analisadas, há de reconhecer-se o mecanismo de funcionamento da interpelação de indivíduos em sujeitos de seus discursos. O que constatamos funcionando nessas SDs, então, é um atravessamento ideológico das memórias (saberes) que se mostrava contra os cultos mediáticos celebrando o mercado considerando-o como o "messias" dos empreendedores.

É por essa fala que o sujeito-bispo se instaura na posição-sujeito de empreendedor e propaga a teologia da prosperidade de filiação norte-americana, um empreendimento que veio para América Latina contaminado com os modelos de economia norte-americana. Com isso, verificamos que o sujeito-bispo não fala em nome de Deus, fala em nome do mercado que se instaura no discurso neopentecostal como o "messias" do mundo e não como o Messias sustentado pela Bíblia, fala inscrito na posição de chefe de sua igreja e não inscrito na posição de

porta-voz de Deus. De acordo com o jornalista Lauro Jardim, da revista *Veja*, o bispo Edir Macedo reduziu o que ele chamou de “franquia”. Segundo Jardim, “[...] a Igreja Universal tem ‘uma regra não escrita’, imposta por Macedo, de que um templo só pode ser aberto pela denominação caso haja certeza de que poderá arrecadar no mínimo R\$ 150 mil por mês”.⁸ Isso explica o que nossa pesquisa indica com respeito à fala do sujeito-Macedo que se inscreve numa posição-sujeito de empresário da fé.

Como pode-se verificar nas sequências discursivas em análise, o sujeito-Macedo, com diferentes posições-sujeito e gestos de interpretações diversos, assim como em posições ideológicas diferentes, se inscreve em duas formações discursivas, na FD cristã e, na FD neopentecostal, isto é, FD da teologia da prosperidade. Nas três sequências discursivas, a pregação do Bispo Edir Macedo no sermão “No altar é tudo por tudo!” ocupa posições-sujeito filiadas à FD da teologia da prosperidade, mesmo do lugar religioso de bispo cristão. Ao se relacionar com os saberes da teologia da prosperidade, o sujeito-Macedo é interpelado pela ideologia mercadológica/capitalista, ele assume, então diversas posições-sujeito, a saber: uma posição-sujeito de empreendedor, uma posição-sujeito neopentecostal, uma posição-sujeito anticristã, porque ele acaba negando o cristianismo voltado para pobreza, uma posição-sujeito de chefe religioso e uma posição-sujeito de porta voz de Deus.

CONCLUSÃO

A análise identificou movimentos dos sentidos produzidos pelo funcionamento discursivo de uma religião cujos limites perpassam uma confissão de fé que deixa de ser significativa, pois carrega memórias da teologia da prosperidade, um empreendimento religioso que ganha forma com uma materialidade inscrita no mercado.

O nosso gesto de análise, a partir de sequências discursivas de falas do sujeito-bispo-Macedo, se articulou compreendendo efeitos de sentido que se constituíram no discurso neopentecostal em junção com o discurso cristão a ponto de caracterizarem a Igreja Universal do Reino de Deus não somente como uma religião que inseriu no seu conjunto de doutrinas práticas notadamente estranhas ao que se reconhece no discurso bíblico tanto do Velho quanto do Novo Testamento como também uma forma de religião entendida como neopentecostal a qual se presentifica no discurso do bispo Edir Macedo como uma denominação expressivamente mercadológica.

Além disso, tal denominação se mostra no funcionamento discursivo analisado como uma forma religiosa muito ampla. Inclusive, uma religião que, além de autorizar, entre outros, líderes neopentecostais como o bispo Edir Macedo a pregar em nome de Deus doutrinas que não são sustentadas pela Bíblia, contribui atualmente para o aumento da representação evangélica na política do Brasil (Perini, 2023).

Com a pesquisa que desenvolvemos, concluímos que o discurso neopentecostal funciona pelo interdiscurso que se encontra no interior da FD cristã, assim sendo, o discurso neopentecostal realiza um recobrimento de suas condições de produção. Em outros termos, o discurso neopentecostal se constitui a serviço do empreendimento religioso do bispo Edir Macedo e não a serviço dos planos divinos para os seres humanos, conforme as doutrinas cristãs sustentadas pelo Velho e Novo Testamentos nos apontam.

8 - Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/universal-reduz-franquia-abertura-tempos-32178.html>. Acesso em 11 de setembro de 2020.

REFERÊNCIAS

- ADAM; Júlio César. **Curso Mindfulness e Espiritualidade**: possibilidades práticas com foco em situações de crise. Pró-Reitoria de Ensino e Extensão da Faculdades EST, 2020.
- BONINO, José Míguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- CHAFER; Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. 3. ed. V. 7 São Paulo: Hagnos, 2013.
- CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. V. 1. São Paulo: Hagnos, 2014.
- ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- GRIGOLETTO, Evandra. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. **Estudos da linguagem**. n. 1, p. 61-67, 2005.
- GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica**: como a Bíblia chegou até nós. Tradução Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1997.
- HAGIN, Kenneth. **Remidos da miséria, da enfermidade e da morte**. Rio de Janeiro: Graça, 2012.
- HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020.
- KOENIG, Harold George. **Medicina, religião e saúde**: o encontro da ciência e da espiritualidade. Porto Alegre, RS:L&PM, 2012.
- LÉON, Jacqueline, PÊCHEUX, Michel. Análise sintática e paráfrase discursiva [1982] In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- LITFIN, Bryan M. **Conhecendo os pais da igreja**: uma introdução evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: **Obras Selecionadas**: Debates e Controvérsias, II. V. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.
- MACEDO, Edir. **Nada a Perder**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2012.
- MACEDO, Edir. **O poder Sobrenatural da Fé**. Rio de Janeiro: Universal, 1993.
- NASCIMENTO, Gilberto. **O reino**: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ORLANDI, Eni P. Análise de discurso In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2017.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas [1975] In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Tradução de Eni Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi [et al.] 2ed Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2020.
- PERINI, Rudá da Costa. Discurso político, discurso religioso: uma análise do discurso bíblico em falas públicas presidenciais. **Revista Leitura**. No76 Ano 2023 MAI / JUL 2023 ISSN 2317-9945 (ON-LINE) ISSN 0103-6858P. 178-193. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14282/10725>.
- RITSCHL, Dietrich; HAILER, Martin. **Fundamentos da teologia cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 2012.
- ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, José. **A**

ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUSA, Bertone de Oliveira. A Teologia da Prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 11, Setembro 2011 – ISSN 1983–2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>.

SINNER, Rudolf von. Teologia como ciência: Palestra proferida pelo Prof. Dr. Rudolf von Sinner no VI Salão de Pesquisa da Faculdades EST, em 28 de agosto de 2007 publicada pela **Revista Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 57–66, 2007.

SCHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica:** introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários. Canoas-RS: ULBRA, 2006.

The New Testament in the original Greek: Byzantine Textform 2005, with morphology. (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2006), Mt 1.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento:** uma abordagem exegética, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WILSON, Donald R. Antropologia In: Henry. Carl F.H. (Org.). **Dicionário de Ética Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **QS:** inteligência espiritual. 7ª ed. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2019.